

Os números sobre a taxa de desemprego, levantados pela Fiesp e pela Seade/Dieese, mostram que a pior fase da recessão já está sendo superada.

# Mais empregos. É o início da recuperação.

Os efeitos da recessão, ao menos no que se refere ao nível de emprego, estão sendo superados pela indústria paulista. Isso é o que indicam as pesquisas feitas por órgãos tão diferentes como a Fiesp, o Dieese e a Fundação Seade. Pelo levantamento da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, na segunda semana de agosto foram contratados 1.733 trabalhadores, o que representou um aumento de 0,09% da oferta de emprego, contra 2.283 admissões na semana anterior (0,13%).

Essa recuperação também foi apontada pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Ecômicos (Dieese), que ontem divulgaram os resultados de pesquisa conjunta sobre a taxa de desemprego em julho. O índice caiu de 12,1% em junho para 11,9% no mês passado, o que representou uma redução de 2.000 pessoas no número de desempregados, que passou assim de 1.002.000 para um milhão.

Números como esses corroboram as análises de especialistas de várias tendências, para quem o governo está conseguindo uma certa estabilização da economia, embora ainda tenha pela frente sérios problemas a resolver. Paul Singer, economista da USP extremamente crítico em relação ao Plano Collor, concorda que a recessão está acabando, uma vez que a partir de julho todos os indicadores de emprego se revertiram. Ele, entretanto, discorda das projeções que indicam queda da inflação e acha que é hora de negociar. Para ele, o estado de espírito das bases sindicais é de um radicalismo assustador, mas atribui isso ao posicionamento do governo, que está apostando no tudo ou nada.

Opinião semelhante é defendida pelo deputado federal César Maia, do PDT carioca, para quem "se temos um governo imaturo e prepotente, temos também uma oposição imatura e intransigente". Para ele, desde a posse de Collor os espaços de negociação são nulos.

O ex-presidente do IBGE, Edmar Bacha, acha que o governo conseguiu derrubar a inflação com a desindexação de salários, o superávit do Tesouro e o controle da política monetária. Entretanto, lembra, nos próximos dois meses será preciso mentir a política econômica do jeito que está. Se isso for possível, acredita, se poderá tentar uma trégua de preços e salários semelhante à implantada no México.

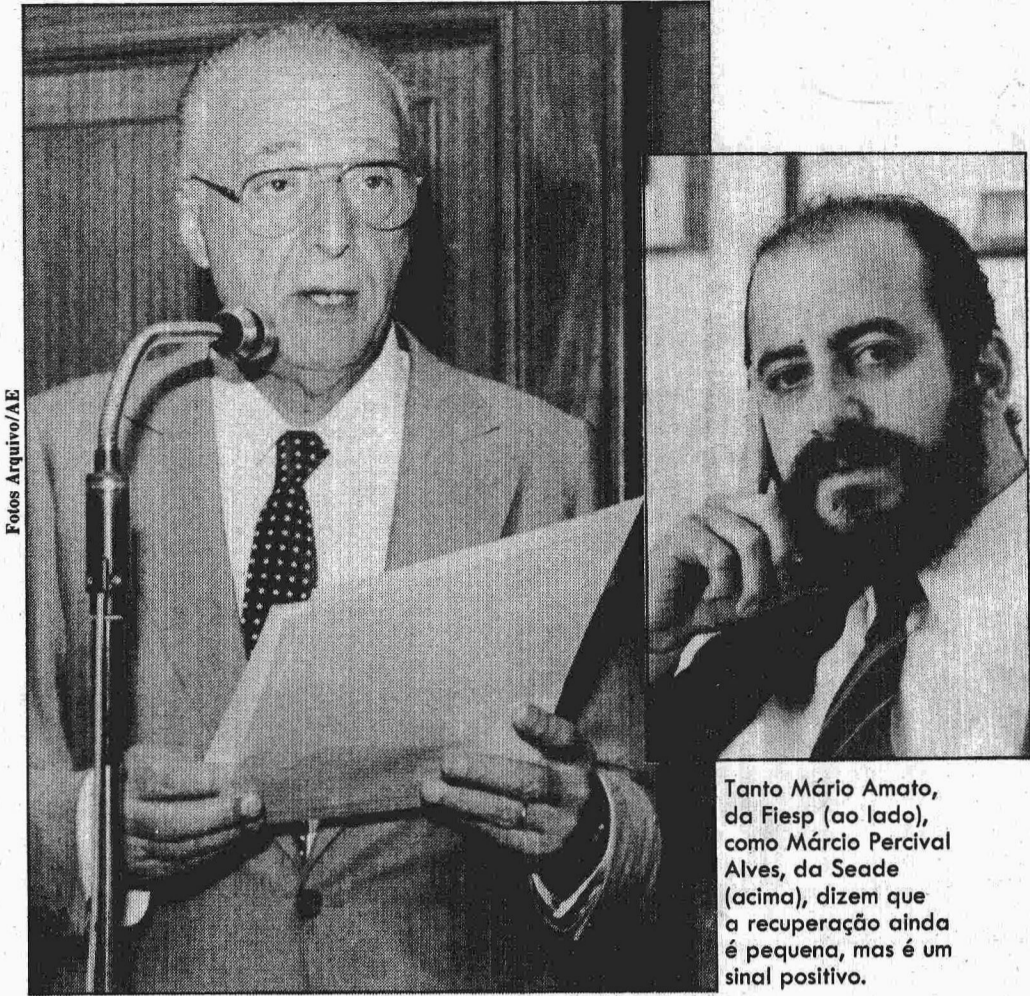
## Ociosidade

Já o presidente da Fiesp, Mário Amato, acha que o crescimento da atividade da indústria paulista refletido pela expansão do emprego ainda é muito pequeno e só interrompeu a tendência de queda que vinha sendo registrada desde novembro. Ele diz que a retomada das atividades não deve preocupar o governo, pois a indústria ainda trabalha com muita ociosidade, não havendo portanto o risco de a demanda superar a produção, o que seria prejudicial ao controle da inflação.

Pela pesquisa da Fiesp, a taxa de emprego acumulada em agosto chegou a 0,22%, o que representou a contratação de 4.116 trabalhadores. Mas a indústria ainda soma uma defasagem do nível de emprego de 7,79% de janeiro até agora, e de 5,73% nos últimos 12 meses.

Para o diretor executivo da Seade, Márcio Percival Alves Pinto, a recuperação do emprego em julho ainda é muito pequena, embora represente um sinal positivo na economia. Pinto informou que de janeiro a julho o desemprego foi puxado pela indústria, que dispensou 232 mil trabalhadores, junto com a construção que demitiu 48 mil pessoas, enquanto o comércio contratou 42 mil e os serviços 74 mil. No total, ainda existe 164 mil postos de trabalho a menos.

Já o diretor técnico do Dieese, Sérgio Mendonça, afirma que o governo reverteu, de fato, a expectativa inflacionária, mas às custas de um grande arrocho salarial. Pelos cálculos de Mendonça, considerando que de janeiro a julho a massa salarial sofreu uma redução de 28%, deixaram de circular na economia Cr\$ 80 bilhões, que deveriam ser pagos em salários.



Tanto Mário Amato, da Fiesp (ao lado), como Márcio Percival Alves, da Seade (acima), dizem que a recuperação ainda é pequena, mas é um sinal positivo.